

## Funções literárias de nomes de personagem no romance *O filho de mil homens*

### Literary functions of character name in the novel *O filho de mil homens*

Márcia Sipavicius Seide\* 

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de conceituação, definição e exemplificação de funções literárias que os nomes próprios de pessoas podem adquirir em contextos ficcionais prosaicos. Para tanto, a fundamentação teórica utilizada está baseada numa síntese das propostas teóricas de Dvořáková (2018), Gybka (2018) e Amaral e Seide (2020) que evidenciam 10 funções diferentes para este tipo de antropônimo. Parte-se do pressuposto de que os nomes próprios de pessoas, na ficção literária, se tornam nomes de personagens não apenas em virtude do seu contexto de uso, mas, principalmente, graças à sua função, isto é, dentro da lógica simbólica e ficcional da obra em que se encontram. Nesse artigo, são analisadas as funções literárias dos nomes dos nomes próprios de pessoa no romance *O filho de mil homens* de Valter Hugo Mãe publicado em 2012. A análise dos nomes das personagens da obra evidencia quase todas as funções previstas pelos teóricos que embasaram este estudo, com exceção dos usos que fazem transgressões às normas linguísticas. Por se tratar de uma área interdisciplinar, a Onomástica Literária enriquece a análise das personagens, desvendando camadas ocultas de

**ABSTRACT:** This article aims to present a proposal for conceptualization, definition and exemplification of literary functions that names of people acquires in prosaic fictional contexts. In order to do so, the theoretical foundation used is based on the synthesis of proposals of Dvořáková (2018), Gybka (2018) and Amaral and Seide (2020) that evidences 10 different literary functions. The names of people in fictional context become names of characters not only by virtue of their context of use, but mainly, thanks to their literary function, that is, within the symbolic and fictional logic of the work in which they are found. This article analyzes literary functions of personal names in the fictional context of the novel *O filho de mil homens* [*The son of a thousand men*] by Valter Hugo Mãe, published in 2012. The analysis of the names of the characters of the novel evinces almost all the functions foreseen by the theorists who supported this study, exception from the uses that make transgressions to the linguistic norms. Being an interdisciplinary area, Literary Onomastics enriches the analysis of the characters, unveiling hidden layers of meaning in the work, it is hoped that this article can inspire other scholars to investigate the literary functions of the

---

\* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa. Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. [marcia.seide@unioeste.br](mailto:marcia.seide@unioeste.br)

---

significado na obra, espera-se que este artigo possa inspirar outros estudiosos a investigarem as funções literárias dos nomes próprios de pessoa em diferentes contextos ficcionais.

proper names of a person in different fictional contexts.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Antroponomástica Literária. Literatura Portuguesa. Nomes de personagem. Nomes de pessoa.

**KEYWORDS:**

Literary anthroponomastics. Portuguese literature. Personal name. Character name.

---

## 1 Introdução

O propósito deste artigo é conceituar, definir e exemplificar as principais funções literárias que os nomes próprios de pessoa podem apresentar em obras ficcionais em prosa para que seja possível, futuramente, realizar pesquisas comparáveis entre si e que mostrem a ênfase dada a uma ou mais funções do nome próprio em contextos ficcionais de acordo com a escola literária em que as obras se situam e/ou segundo o estilo literário de um autor em particular.

A presente pesquisa se insere numa área chamada Onomástica que descreve e analisa vários tipos de nomes próprios, desde nomes de pessoas e de lugares até nomes de produtos, marcas e até mesmo bandas de *heavy metal* (Reyes-Contreras, 2021). As investigações sobre os nomes próprios de pessoas integram uma subárea chamada Antroponomástica, voltada aos antropônimos, termo técnico usado para designar os nomes próprios de pessoas, e à antroponímia, termo que designa um conjunto determinado de antropônimos. Em seu bojo, há outras subáreas entre as quais encontra-se a Antroponomástica Ficcional e, no interior dela, a Antroponomástica Literária na qual se encontra a pesquisa apresentada neste artigo.

No Brasil, há alguns estudos sobre os nomes de personagens literárias. Numa antologia bibliográfica de publicações feitas por pesquisadores brasileiros entre os anos de 2011 a 2022 sobre antropônimos, há uma lista de 44 artigos dos quais seis

analisam os nomes de pessoas em contextos ficcionais<sup>1</sup>. Eckert e Röhrig (2017) analisaram os nomes das personagens do romance *Ubirajara* de José de Alencar e os nomes das personagens de dois romances de Graciliano Ramos: *Vidas Secas* e *São Bernardo* (Eckert; Röhrig, 2018). Camargo e Seide (2019) identificaram a importância dos nomes de personagens nas obras de Clarice Lispector e Camargo (2020) desvendou significados subjacentes à personagem do romance “Os Maias” de Eça de Queirós. Pedrassani, Eckert e Röhrig (2018), por sua vez, investigaram os nomes de personagens de *Lucíola* outra reconhecida obra de José de Alencar e Rech e Sell (2021) analisaram como nome de personagens de histórias clássicas infantis foram traduzidos da língua portuguesa para a Libras. Além das obras já mencionadas, há também estudos que utilizam a abordagem etimológica para análise dos nomes ficcionais (Ávila, 2018; Ávila; Novodvorski, 2020, 2021).

No âmbito internacional, há mais tempo os nomes próprios em contextos literários recebem atenção dos estudiosos da Literatura e da Estilística. De acordo com Bremer (2014), o mais antigo estudo deste tipo data de 1840, quando Eduard Boas estudou o simbolismo dos nomes na poesia ao qual se seguiu a pesquisa de Wilhelm Arndt em 1904, na qual são analisados nomes de personagens em peças teatrais medievais. Bremer também cita o ensaio de Ernst Erler publicado em 1913 sobre os nomes das personagens de Shakespeare<sup>2</sup>.

Outro estudo seminal é citado por Gibka (2018) que menciona a pesquisa de Pawiński, publicada em 1933, sobre a etimologia de um topônimo, como sendo a primeira do tipo a ser publicada em seu país, a Polônia, e traz informação sobre as investigações semelhantes à dela por focarem, especificamente, as funções literárias dos nomes de personagens. A primeira foi realizada em 1953 por Reczek, que analisou os sobrenomes de personagens em comédias polonesas do século XVIII e identificou

---

<sup>1</sup> A lista completa das publicações e os critérios utilizados para sua elaboração podem ser acessados em Onomastic Bibliographic Anthology – ICOS (icosweb.net).

<sup>2</sup> Não há, no texto de Bremer (2014), as referências relativas às obras citadas.

cinco funções para este tipo de nome: semântica, humorística, expressiva, sociológica e alusiva. Ainda segundo a pesquisadora, a primeira publicação sobre as funções literárias dos antropônimos ficcionais em língua inglesa foi realizada por Rudnycky em 1959. Há, nessa pesquisa, uma proposta de esquema tipológico geral, pelo qual o nome pode ter sua função relacionada à forma ou ao conteúdo e funções mais específicas, relacionadas à caracterização das personagens literárias, ao lugar onde elas estão (ambientação no espaço) e ao tempo da ação das personagens (informação cronológica).

Em se tratando de estudos em língua francesa, impossível não mencionar o estudo de Barthes sobre os nomes na obra mais famosa de Proust, publicado originalmente em 1972. Para o semiótico francês,

O nome próprio dispõe das três propriedades atribuídas pelo narrador à reminiscência: o poder de essencialização (pois designa apenas um referente), o poder de citação (pois é possível evocar sempre que se queira toda a essência contida no nome, bastando para tanto que ele seja proferido), o poder de exploração (pois é possível “desdobrar” um nome próprio, tal como se faz com uma lembrança): de certa forma, o nome próprio constitui a forma lingüística da reminiscência (1986, p. 58).

Propostas mais recentes sobre as funções e os usos de nomes próprios em contextos ficcionais foram feitas por Ávila (2018), Dvořáková (2018), Gybka (2018) e Amaral e Seide (2020). Sintetizando-as é possível chegar a um elenco de 10 funções literárias que o antropônimo pode apresentar em contextos ficcionais. Tais funções podem ser analisadas segundo o ponto de vista do criador do nome, do portador do nome e dos usuários do nome tendo em vista a teoria dos dois atos (o de nomear e o de usar o nome) proposta por Gybka (2018): 1. Dêitica; 2. Identificação alternativa; 3.

Simbolização<sup>3</sup>; 4. Caracterização; 5. Mitificação; 6. Associação (ou alusão); 7. Classificação; 8. Estética; 9. Verossimilhança; e 10. Transgressão<sup>4</sup>.

Ao longo desse artigo, as funções literárias dos nomes próprios em contextos ficcionais são evidenciadas pela análise de todos os antropônimos do romance *O filho de mil homens*. Com relação a metodologia utilizada na análise, ela se caracteriza por ser funcionalista tendo em vista pautar-se, principalmente, nos princípios teóricos postulados por Gybka (2018) com base nas análises comunicativas e funcionais de Jakobson (2006)

O artigo está assim organizado: após esta introdução, há uma seção que define e explica as funções literárias identificadas nos usos antropônimos em contextos ficcionais. Na sequência, há uma seção que introduz o leitor ao romance *O filho de mil homens* cujos nomes são analisados na seção seguinte na qual há subseções dedicadas às personagens é nesta parte do artigo que as funções definidas na seção anterior são exemplificadas. Apresentadas, explicadas e exemplificadas as funções literárias dos nomes das personagens do romance, são feitas algumas considerações finais para encerrar o artigo.

## **2 Funções literárias de antropônimos em contextos ficcionais**

O objetivo desta seção é apresentar e definir as funções literárias de antropônimos em contextos ficcionais. Trata-se de funções que podem ser concomitantes e superpostas, pois, num mesmo nome e/ou uso de nome, mais de uma função pode estar presente. Essas funções são identificadas pelo leitor proficiente<sup>5</sup> ao

---

<sup>3</sup> Em sentido amplo, todos os nomes próprios apresentam esta função tendo em vista a função simbólica inerente à linguagem em geral e à linguagem literária em especial (Seide; Amaral, 2020, p. 195-196).

<sup>4</sup> Esta última função corresponde a usos que se opõem às normas linguísticas. Não foi identificada no romance analisado neste artigo, porém, pode ser ilustrada por alguns usos de nomes próprios encontrados na poesia de Paulo Leminski (Seide; Amaral, 2020, p. 205-209).

<sup>5</sup> Considera-se ser proficiente o leitor que já está habituado a ler literatura e é capaz de fazer interpretações literárias de obras ficcionais de modo autônomo.

longo de seu fazer interpretativo e podem ou não convergir com a intenção do autor da ficção, tendo em vista que sua análise é, em grande parte, subjetiva: diferentes leitores podem atribuir funções distintas para o mesmo nome de personagem e/ou mesmo uso de determinado nome. Entende-se, assim, que a análise apresentada ao longo deste artigo é uma possibilidade interpretativa da obra literária escolhida no que tange aos usos de nomes de pessoa no contexto ficcional que a caracteriza.

Convém informar quais são principais tipos de antropônimos. Há o nome oficial das pessoas formado por prenome e sobrenome que constituem o nome civil dos indivíduos; há os apelidos, que não são oficiais e podem ser passageiros; e os hipocorísticos, que são apelidos formados a partir do prenome de modo convencional e previsível. Além desses, há outros tipos como o nome artístico, o nome religioso, o nome de urna e o nome social (Amaral; Seide, 2020).

## 2.1 Dêitica

Uma função básica dos antropônimos em contextos ficcionais é a de identificação. Ela corresponde à função referencial dos nomes próprios, a saber, fazer referência singular a um ser no mundo. São nomes de personagens que promovem o estabelecimento de dêixis. Os usos indexadores incluem como o narrador introduz, na narrativa, os nomes próprios de suas personagens e os utiliza para fazer menção a elas ao longo do romance. Esses usos também abrangem as falas nas quais uma personagem usa um antropônimo para fazer referência a outra personagem, introduzi-la a outras pessoas ou para falar sobre ela, isto é, para evocá-la (Dvořáková, 2018).

As funções de identificação e autoidentificação de si são basilares, pois evidenciam, em um contexto ficcional específico, como são representados os indivíduos e as maneiras pelas quais eles se referem a si e a outros num dado meio social. Opcionalmente, o ato de nomear uma personagem pode estar representado na obra ou ficar nela implícito. A função dêitica também abrange a autoidentificação, isto é, o modo pelo qual a personagem se identifica a si mesma.

Estão incluídas nesta função as relações que se estabelecem entre a personagem que enuncia os nomes e as personagens referidas. Havendo várias maneiras de uma personagem se referir a outra (pelo prenome, pelo sobrenome, por um apelido ou por um hipocorístico), a escolha de uma em detrimento das outras evidencia a atitude subjetiva e emocional que a personagem enunciadora tem para com a personagem referida. Os modos pelo quais uma personagem se refere a outra, por sua vez, como esclarece Gibka (2018), podem ser permanentes, pontuais ou reiteradas, isto é, podem se repetir ao longo do romance.

## 2.2 Identificação alternativa

Espera-se que haja convergência entre o modo como a personagem se identifica a si mesma e como as demais personagens e o narrador a identificam. Quando isso não ocorre há identificação alternativa.

Em determinados contextos ficcionais, pode haver quebra ou erosão da função dêitica por iniciativa da personagem, quando ela mesma encobre seu nome verdadeiro ou muda seu nome ao longo da trama, ou por iniciativa de outrem que impõe a mudança, a substituição ou a anulação do nome da personagem. No limite, há uma recusa de se tratar uma personagem por seu nome.

Trata-se de uma função que se torna relevante em obras nas quais há personagens em conflito com sua própria identidade, quando há um embate entre as expectativas das personagens umas com as outras, em situações em que uma personagem tem a intenção de enganar outra, ou quanto a personagem sente uma necessidade de se esquivar de uma situação desagradável encobrendo seu próprio nome (Gibka, 2018).

## 2.3 Simbolização

A simbolização diz respeito à representação de uma característica abstrata mediante escolha ou uso de um nome próprio. Ocorre esta função quando o nome da

personagem promove uma associação seja com pessoas reais, seja com outras personagens literárias na mente do leitor. Dvořáková defende que nomes com esta função fornecem uma representação geral e abstrata de um conceito e que os símbolos podem ser pessoas da vida real como Napoleão ou personagens literários como Romeu. Em ambos os casos, os nomes são usados numa comunicação como etiquetas que remetem a um tipo específico de pessoa, como quando se diz que alguém é um Don Quixote (2018, p. 40)<sup>6</sup>.

## 2.4 Caracterização

Esta função é de natureza semântica e descritiva. Ela ocorre quando um antropônimo em contexto ficcional tem por função caracterizar seu portador, isto é, há uma conexão direta entre o nome e as características da personagem denotada estabelecendo uma conexão pode ser melhor percebida quando uma personagem é referida por seu apelido e esse apelido é formado por substantivos comuns de modo que seu significado é transparente ao leitor (Dvořáková, 2018). Para Gibka (2018), trata-se de uma função semântica secundária que abarca tanto o significado literal dos nomes quanto seu significado metafórico.

Indo além da proposta inicial de Dvořáková (2018) e de Gibka (2018), considera-se que também apresentam a função de caracterização os usos baseados na etimologia descritos por Amaral e Seide (2020) e que comportam tanto aqueles nos quais o significado etimológico do nome converge com as características da personagem numa relação de símile, quanto os casos em que há uma divergência que estabelece uma relação irônica entre a etimologia do nome e as características da personagem nomeada.

---

<sup>6</sup> Na linguagem cotidiana, o potencial simbolizador de um nome próprio pode resultar na sua transformação para substantivo comum, processo estudado pela Deonomástica (Amaral; Seide, 2020, p. 186 e seguintes).

## 2.5 Mitificação

Esta função está presente quando a personagem estabelece uma relação mítica com o seu próprio nome e ela acredita que ele é parte de sua essência ou de sua alma. Conforme adverte Dvořáková (2018), não se pode confundir esta função com a conexão que se espera existir entre o nome da personagem e suas características, diferenciando, assim, a função mitológica da função literária tradicional na qual a conexão entre o nome da personagem e suas características é muito frequente sendo, porém, rara em contextos não ficcionais.

Transcendendo o previsto por ela, pode-se dizer que o raciocínio inverso também é verdadeiro: há muitas pessoas “no mundo real” que atribuem poderes mágicos ou místicos aos nomes e acreditam em sua capacidade de melhorar ou prever o destino de seus portadores. Às vezes, trata-se de crenças que não se restringem a um indivíduo, mas dizem respeito a determinada língua e cultura. Ainda extrapolando a teorização da pesquisadora polonesa, pode-se considerar que também apresentam esta função os casos nos quais existem crenças a respeito do nome, seja a de uma personagem sobre seu próprio nome, seja as que ela tem a respeito do nome de outras.

## 2.6 Associação (ou alusão)

Nomes usados com esta função fazem alusão a outros nomes. O nome aludido pode ser o de uma pessoa real, um trocadilho com um nome real, ou um nome de uma personagem de ficção cabendo ao leitor decifrá-lo e interpretá-lo. São raros os casos nos quais não há qualquer relação de sentido entre o nome com função associativa e nome aludido. Em todos os casos, contudo, sua interpretação requer, por parte do leitor, uma ativação de conhecimento enciclopédico<sup>7</sup> para o estabelecimento de relações de sentido intertextuais (Gibka, 2018).

---

<sup>7</sup> Há uma descrição da contribuição do conhecimento enciclopédico para a interpretação do nome próprio no uso linguístico em Seide, 2012.

Para além do teorizado por Gibka (2018) e considerando as demais funções por ela descrita, percebe-se que a função de associação é um requisito para que se possa haver a de simbolização: o reconhecimento de um nome como símbolo depende de haver, previamente, uma associação entre o ser aludido e o ser nomeado.

## 2.7 Classificação

Para Dvořáková (2018), esta função é basilar, sendo assim também consideradas as de identificação e de autoidentificação dos nomes. Ela comenta que há autores que a designam por outros termos e cita as seguintes denominações: caracterização, localização, colocação e função sociológica, sendo este o termo utilizado por Gibka (2018).

Independentemente do termo usado, todos concordam que, em virtude de sua função, o nome da personagem a classifica por algum parâmetro: cronológico (no tempo), espacial (num lugar, por exemplo, o nome pode ser urbano ou rural), nacional (uma nacionalidade: ser um nome brasileiro ou estrangeiro), religioso (uma religião: ser um nome católico ou islâmico), social (classe social, um nome ser nobre ou popular) ou ideológico (mostrar admiração por determinadas ideias quando se homenageia um político dando à personagem o mesmo nome do político). Cumpre ressaltar que a interpretação pelo leitor da classificação dada pelo nome, muitas vezes, é feita com base na ativação de estereótipos sociais que associam algumas pessoas a certas características e a determinados nomes.

Indo além desta proposta inicial de Dvořáková (2018), pode-se afirmar que a função de classificação abrange os usos baseados na norma (Amaral; Seide, 2020), isto é, são usos que mimetizam como os nomes são utilizados em contextos não ficcionais e seu efeito depende do reconhecimento desta convergência por parte do leitor.

## 2.8 Estética

Esta função do nome em contexto ficcional é percebida quando são usados nomes avaliados como raros que, por isso mesmo, parecem mais belos, e nomes que soam eufônicos. São nomes que chamam a atenção por sua beleza, isto é, por sua função estética. A beleza do nome, por sua vez, pode ser percebida pelo leitor com relação a um determinado nome de personagem e também por uma personagem que avalia o nome de outra como sendo belo. Além disso, o próprio narrador pode fazer julgamentos estéticos sobre o nome de uma personagem.

## 2.9 Verossimilhança

Nomes com esta função são os criados de acordo com o uso real dos nomes da época e do lugar de ambientação do romance. Da mesma forma que a função de classificação, são usos baseados na norma (Amaral; Seide, 2020) cujo reconhecimento, por parte do leitor, depende de seu conhecimento enciclopédico. Trata-se de uma espécie mais geral de classificação das personagens por mostrar que elas pertencem ao ambiente do romance.

## 2.10 Transgressão

Esta função é caracterizada como sendo o oposto da função de verossimilhança e corresponde aos usos transgressores da norma nos quais os nomes são usados de modo não convencional e não usual (Amaral; Seide, 2020). No uso cotidiano e normal, os nomes próprios de pessoa não se confundem com os substantivos comuns e são considerados opacos servindo para apenas para fazer referência a um indivíduo. Neste trecho de um poema de Leminski, contudo, há transgressão das normas tendo em vista que o poeta curitibano torna comum um nome próprio (no caso o sobrenome de um famoso literato italiano) para com ele fazer um trocadilho: “não creio fosse maior/a dor

de dante/que a dor que este dente/ de agora em diante/sente (...)"'. (Leminski, 1983, p. 28 *apud* Amaral; Seide, 2020, p. 203).

### 3 O romance *O filho de mil homens*

A escolha deste romance específico se justifica em virtude de integrar um conjunto rico de nomes de personagens aos quais se podem atribuir funções específicas e diversificadas característica que o torna ideal para o propósito perseguido: servir para ilustrar as diferentes funções literárias que podem ser atribuídas a nomes próprios de pessoa em contextos ficcionais.

Esta obra foi escrita por Valter Hugo Mãe que nasceu em Saurino, Angola, em 1971, viveu parte de sua infância nesse país e mudou-se com a família para Lisboa e intitula-se um escritor português.

Considerado um dos autores mais consagrados da literatura portuguesa da atualidade. Nos seus 20 anos de carreira literária, teve publicados livros em diferentes gêneros: poesia, romances, contos, livros infanto-juvenis. Sua obra tem sido aclamada tanto pela crítica literária quanto pelo público em geral. Ganhador do Prêmio José Saramago (2007) e Portugal Telecom (2012) (Salles, 2016).

O romance *O Filho de mil homens* é ser quinto romance e foi publicado em 2011, tendo sido muito bem recebido tanto pelo público, quanto pela crítica. Oliveira (2019) assim descreve sua trama ou enredo:

No romance, podemos acompanhar a história de várias personagens solitárias que “caem para dentro de si”, em um isolamento e exclusão social dilacerantes que os levam, quase sempre, a caminhar pela via marginal da vila em que vivem. No entanto, à medida que história avança, essas histórias se entrelaçam e o que temos no final é mais do que uma história de superação ou de amor, mas, com anunciado pelo narrador, assistimos à invenção de uma família (Oliveira, 2019, p. 153-154).

O romance está ambientado na zona rural de Portugal, não há indícios claros de uma época definida, mas se pode imaginar a caracterização cronológica das ações narradas tendo por base uma única referência temporal pela qual se entende que, no país, estava havendo a difusão do cinema. Provavelmente, ocorre entre 1930 e 1950. Seus valores humanos e cristãos, contudo, parecem indicar que mais importante do que saber quando as ações ocorreram exatamente é reconhecer a natureza universal e onipresente da obra.

A personagem principal do romance é Crisóstomo, um pescador solteiro e solitário que, ao completar quarenta anos, anseia por e deseja profundamente ter um filho. Para diminuir sua solidão, ele se compra um grande boneco de pano para lhe fazer companhia. Algum tempo depois, surge procurando emprego no barco onde ele e outros pescadores trabalham Camilo: um menino franzino de 14 anos que o pescador adota como filho. Na sequência, aparece na praia onde ele tem sua casa de madeira, uma mulher, Isaura, a quem ele conhece e com quem começa a namorar.

Em momento anterior a este encontro, ela se casara com Antonino, homossexual que a havia abandonado logo depois do casamento, antes das núpcias. Alguns meses depois de Crisóstomo e Isaura iniciarem namoro, Antonino retorna e passa a conviver com Isaura na casa dela, ajudando-a com as tarefas da lavoura e da casa, vivendo como se fossem irmãos. Matilde, mãe de Antonino, adota a filha de uma empregada doméstica que falecera no dia em que se casara com Gemúndio. Cumpre informar que ela havia concordado em se casar por interesse e apesar de realmente gostar de outra pessoa, o Rodrigues. A menina adotada se chama Mininha. Ao longo do romance, seus destinos se unem e eles formam uma família. Nesta altura da trama, Cristóvão dá a ela o boneco de pano que ela decide chamar de Irmão.

As demais personagens giram em torno deste núcleo principal. Camilo, antes de ser adotado por Crisóstomo, foi criado por outro pai adotivo, Alfredo, viúvo, cuja esposa se chamava Carminda. Camilo desconhece sua mãe de sangue, ela é uma personagem sem nome no romance e que é referenciada pelo narrador e demais

personagens pela expressão “a anã”. Em virtude de todos os homens da aldeia a terem procurado para ter relações sexuais e nenhum deles ter assumido a paternidade da criança, ele é descrito pelo narrado como sendo “um filho de 13 homens”.

Isaura é filha de Maria e de seu pai (que não tem um nome no romance). Ela perdeu a virgindade com um noivo que lhe arranjava os pais. Quase vinte anos depois deste acontecimento, ela aceita a proposta de se casar com Antonino. A mãe dele, Matilde, contratara como empregada Rosinha que tem uma filha que no romance passa a ser chamada de Mininha (antes não era tratada por nenhum nome próprio) a partir do momento em que fica órfã e é adotada por Matilde.

Outra personagem que é preciso mencionar é o vizinho de Gemúndio com quem Rosinha se casa, chamado senhor Giesteira. Há também, no romance, personagens que são animais: a galinha gigante de Gemúndio (que não recebe um nome) e Trovão, cão de Teresa por quem Camilo se afeiçoa ao final da história.

Antes de começar a descrever e analisar a antroponímia usada neste contexto ficcional, é necessário explicitar o que justifica o título da obra algo que é revelado por Crisóstomo quando ele explica a seu filho adotivo quase no fim do romance que:

todos nascemos filhos de mil pais e de mais mil mães, e a solidão é sobretudo a incapacidade de ver qualquer pessoa como nos pertencendo, para que nos pertença de verdade e se gere um cuidado mútuo. Como se os nossos mil pais e mais as nossas mil mães coincidissem em parte, como se fôssemos por aí irmãos, irmãos uns dos outros. Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa, que nunca estaremos sós (Mãe, 2012, p. 204-205).

Esta explicação coincide com a moral cristã segundo a qual todos são irmãos de todos e deveriam se amar e se ajudar mutuamente. Não é por acaso que esta explicação digna dos primeiros cristãos primitivos sai da boca de um pescador. Trata-se de um discurso que se torna compreensível e pleno de sentido quando se leva em

consideração o fato de a personagem protagonista chamar-se Crisóstomo, como se explica na seção seguinte deste artigo.

Cumpramos ressaltar que, para além desta temática, são importantes, no romance, a representação da homoafetividade e da família, possibilidades interpretativas apontadas por Silvestre (2015) que considera considerar o pano de fundo ou contexto no qual a trama se desenvolve:

Ambientado em um espaço rural, a tradição da família patriarcal com funções políticas, administrativas e afetivas regradas cede lugar para uma nova concepção na qual cuidado, compreensão e aceitação – incluindo a figura de um homossexual como membro participante dela – são as bases fundamentais de sua construção (2015, p.247).

Silvestre observa que a família formada ao longo do romance pela união das personagens Crisóstomo, Camilo, Isaura e Antonino conforma um modelo familiar ficcional e eles próprios são oriundos de famílias desestruturadas ou inexistentes. Crisóstomo por ser homem solteiro e sem filhos aos quarenta anos. Camilo por ter ficado órfão duas vezes ao longo de sua vida. Modelos familiares não tradicionais também são retratados no caso hegemônico. O mesmo ocorre com os modelos familiares não tradicionais e desestruturados são também representados por Isaura, que não conseguiu casar-se e cuja mãe enlouqueceu, e Antonino filho único homossexual de uma mãe solteira. A família improvisada ao final do romance, analisa Silvestre, retrata “as personagens criando uma família que, mesmo não sendo consanguínea, encontra, na aceitação um do outro, o acolhimento ideal para sua formação (2015, p. 247).

#### **4 Funções literárias dos nomes de personagens no romance**

Nesta seção são apresentadas as funções literárias das personagens, os títulos das subseções que organizam esta parte do artigo indicam as funções gerais dos nomes analisados e, quando foi necessário, sua função específica.

#### 4.1 Crisóstomo: associação e simbolização

Este é o nome da personagem principal da obra, do ponto de vista do escritor, é um nome que pode ter sido escolhido por fazer alusão ao nome de uma personagem importante da história do Cristianismo. Há, no dicionário de nomes e sobrenomes de Guérios, a seguinte informação sobre o nome Crisóstomo:

gr .Krysóstomos: “boca” (stoma) de ouro (chrysós). – É o apelido de S.João de Antioquia, por causa da sua extraordinária eloquência. São João Crisóstomo foi bispo e confessor, é um dos doutores da Igreja (Guérios, 1981, p. 97).

Cumprido ressaltar que há uma passagem do romance na qual o narrador onisciente, ao descrever os pensamentos da personagem quando se imagina com o poder de reprodução, usa este mesmo epíteto:

Depois, imaginou que, de tão levantada, a barriga deixava que o umbigo se abrisse, e que o mar inteiro se punha a voar por sobre a sua cabeça entornando deuses nos seus braços e, quanto mais os estendesse e maiores eles se tornassem, mais deuses ali pousariam até que o Crisóstomo, **como por boca de ouro**, pronunciasse sonoramente a mais absoluta felicidade (Mãe, 2012, p. 199-200) (grifos meus).

Algumas das informações fornecidas por Aquino (2021) sobre a personagem histórica do bispo São João Crisóstomo são pertinentes às características da personagem. Informa Aquino que ele foi criado pela mãe, teve uma juventude reclusa e solitária e que ele havia passado sete anos no deserto quando sua mãe faleceu. Na sequência, foi ordenado sacerdote e passou a proferir discursos que atraíam multidões, começando, nesta época, a ser chamado de “a boca de ouro”. Nos anos em que foi patriarca de Constantinopla,

pregava sermões “de fogo” com que atacava os vícios e as friezas e fazia severas advertências aos monges indolentes e aos eclesiásticos

dominados pela riqueza. Teve muitas lutas com a corte bizantina, o imperador Acádio e a imperatriz Eudóxia. (...) Denunciava os pecados dos ricos e da corte, amava os pobres; era amado pelo povo, embora odiado pelo imperador e pela imperatriz. Dizia a verdade e não temia os poderosos (Aquino, 2021, s. p.).

No romance, a eloquência de Crisóstomo se revela na parte final do enredo quando ele discursa para sua namorada Isaura e quando explica as coisas do mundo para seu filho adotivo Camilo. Sirva de exemplo de sua eloquência esta passagem na qual o primeiro explica ao segundo o que é o amor: “O Crisóstomo explicava que o amor era uma atitude. Uma predisposição natural para ser a favor de outrem. É isso o amor. Uma predisposição natural para se favorecer alguém. Ser, sem sequer se pensar, por outra pessoa. Isso dava também para as variações estranhas do amor.”<sup>8</sup> (Mãe, 2012, p. 122).

Nas últimas linhas do romance, o narrador ressalta a capacidade transformadora de Crisóstomo, outra característica que tem em comum com a personagem histórica: “Aos quarenta anos, o Crisóstomo, com o seu inusitado entusiasmo, mudou o mundo” (Mãe, 2021, p. 201).

Tendo em vista o funcionamento do nome Crisóstomo no contexto ficcional do romance, conclui-se que este antropônimo apresenta as funções de associação e simbolização tendo em vista a conexão existente entre a personagem ficcional e a personagem histórica fornece uma chave interpretativa segundo a qual a personagem do romance simboliza os valores cristãos defendidos pelo bispo de Antioquia.

#### **4.2 Camilo: caracterização baseada na etimologia do nome**

Camilo é filho de uma anã e de pai desconhecido (o qual pode ser qualquer um ou todos os homens da aldeia que se relacionavam sexualmente com a anã). Foi criado

---

<sup>8</sup> Pela expressão “as variações estranhas”, ele está se referindo a práticas não convencionais de amor como as que unem pessoas de mesmo sexo, pensando, de certo, no caso de Antonino e do irmão de Teresa que se suicidara por ser homossexual.

por Alfredo e depois adotado por Crisóstomo. Ele acreditou em tudo que seu primeiro pai lhe ensinou. Alfredo o adotou para lhe fazer companhia e realizar o sonho de ter um filho da mulher, então já falecida. Depois, vira colega de trabalho Crisóstomo e, ao ser adotado pelo pescador, realiza o dele de ser pai.

Considerando sua função na trama e o costume de seu pai lhe dirigir discursos educativos sendo o filho o discípulo do pai, pode-se concluir que há convergência com o significado etimológico do nome, a saber: “liberto que servia aos sacerdotes nos sacrifícios; menino nobre desse mister (...) é um antigo n. fenício: kadme-ei: “o que está perante Deus”, i.e., “o sacerdote de Deus” (Guérios, 2018, p.83). Camilo é um menino que serve a Crisóstomo, o qual por simbolizar o cristianismo primitivo pode ser considerado o sacerdote a quem serve Camilo.

#### **4.3 Isaura: mitificação e estética**

Ao contrário do nome Camilo, não há, no romance, nenhuma relação entre o nome Isaura e o étimo do nome sobre o qual apenas informa Guérios que é de origem grega e significa “natural da Isâuria” ou, talvez, “veloz como o vento” (1983, p. 147). Neste caso, a função do nome não se relaciona ao significado do nome em si mesmo, mas ao significado que o nome tem para sua portadora.

Filha única, na adolescência foi seduzida, perdeu a virgindade e foi abandonada, não recebeu nem atenção nem afetos de seus pais e aceita, por conveniência, o casamento com Antonino proposto seus pais. Ao longo do processo de sedução, o namorado elogiou seu nome dando origem à crença de que ela tem bom nome e terá bom destino como consequência de ter um bom nome: “O rapaz dizia que ela tinha o nome mais bonito de todos, o mais romântico” (Mãe, 2012, p.48). Considerando que, ao final, ela se casa com Crisóstomo, Camilo torna-se seu filho e Antonino seu grande amigo, a promessa do nome se cumpre, ela acabou tendo um bom destino.

Esta função mítica que o nome apresenta para sua portadora está baseada na avaliação de seu nome como belo, razão pela qual ele também tem função estética, função que o nome apresenta igualmente para outras personagens: o padre que a casou com Antonino e Crisóstomo acham que Isaura é um nome muito bonito<sup>9</sup>.

Uma última observação é necessária a respeito do nome Isaura. Considerando a teoria dos dois atos de Dvořáková (2018), sabe-se que a ação de nomeação da personagem foi fruto de escolha por seus pais os quais, ao longo do romance, não fazem nenhuma observação sobre o nome cujo significado associativo surge a partir da fala do namorado sedutor cuja avaliação como belo é reiterada por outras personagens.

#### **4.4 Antonino: identificação carinhosa e identificação alternativa**

Filho de Matilde e homossexual, no começo do romance ele se casa por conveniência com Isaura, mas, na noite de núpcias, a abandona e tenta cometer suicídio. Meses mais tarde, ele volta para a aldeia e passa a conviver com Isaura na mesma casa tornando-se um grande amigo dela. Ao final do romance, percebe-se que ele consegue um parceiro para si.

Antonino é hipocorístico de António, porém, ele nunca é tratado por seu prenome. Há pouca relação entre o étimo de António e as características da personagem, a não ser por uma acepção atribuível ao nome pelo qual seria “o que está na vanguarda, vanguardeiro” (Guérios, 1081, p. 59). Por ser homossexual, estaria à frente de seu tempo, sendo, neste sentido, de vanguarda.

Ao longo do romance, o hipocorístico é sempre usado, trata-se de uma forma de chamamento familiar e carinhosa. Paralelamente a esta função de identificação carinhosa, há a função de identificação alternativa que se faz atuante quando as personagens que lhe são antipáticas, em virtude de seus próprios preconceitos, não o

---

<sup>9</sup> A estética é também uma motivação para escolha de um nome pelos pais (Butkuvienė *et al.* 2021).

chamam por seu hipocorístico, mas sim pela expressão “o homem maricas”. Este modo de se referir à personagem evita o uso de seu nome próprio causando uma erosão identitária causada pela recusa de se tratar a personagem por seu nome próprio, recusa que lhe nega sua humanidade intrínseca.

Em ambos os casos, há também a função de classificação, se a forma carinhosa de tratamento é usada, a personagem é classificada como um ser humano digno de consideração e afeto; quando quem o usa é uma personagem que não tem preconceitos contra sua homossexualidade. Como nome evitado e substituído pela expressão “o homem maricas” quem o faz são personagens preconceituosas que o classificam com alguém indigno.

A seguinte fala de Isaura quando já são verdadeiros amigos evidencia a identificação feita a partir do uso do hipocorístico: “O Antonino, tão menino, como um António sempre pequenino, talvez fosse maricas por gostar tanto da mãe, por entristecer tanto por lhe ter morrido o pai, por se perder muito, como sempre a precisar fazer o caminho para casa” (Mãe, 2012, p. 172).

#### **4.5 Mininha: identificação e diferenciação**

Ao tratar da função de identificação, Gibka (2018) esclarece que ela sempre implica numa diferenciação. Esta dupla operação realizada pelo antropônimo é especialmente evidente nos usos do nome Mininha, personagem referida mediante um nome próprio a partir do capítulo treze, tendo o romance vinte capítulos ao todo. Ela passa a ser diferenciada como um ser singular por Matilde a partir do momento que considera adotá-la, tendo em vista o falecimento de sua mãe que era empregada doméstica da primeira: “A Matilde agarrou na cria. A cria deitava os olhos absurdos sobre o corpo da mãe e não dizia nada. Chorava. A Matilde perguntou: tu afinal como te chamas rapariga. Mininha, nome pequeno de Emília” (Mãe, 2021, p. 165-166). Esta é a única ocorrência do prenome cujo significado etimológico -- “êmulos, rival, zeloso,

diligente, solícito” (Guérios, 1981, p.110) não condiz com as características da personagem.

Cumprе esclarecer que a pergunta é feita no capítulo 12 e a resposta é dada no capítulo 13, o que é significativo pois a resposta da menina é um divisor de água para a personagem que, a partir deste ponto, passa a ter um nome próprio e começa a existir como filha de Matilde. Outra peculiaridade é o antropônimo ser introduzido no romance pela fala da personagem e não pela voz do narrador, como ocorrera com as personagens já mencionadas.

#### **4.6 Irmão: identificação e verossimilhança**

A palavra irmão é um substantivo comum. No uso que Mininha faz dele, o substantivo comum se torna um nome próprio<sup>10</sup>, ao ser usado para se referir ao boneco de pano que Crisóstomo havia lhe dado. Num almoço de família dominical, Mininha decide chamá-lo Irmão. O boneco é uma personagem mencionada desde o começo do romance quando é comprado pelo pescador que passa a conversar com o filho de brinquedo. Assim como Mininha, ele passa a existir como sendo uma entidade singular quando é nomeado pela filha de Matilde. O boneco se torna um ser nomeado a partir do momento em que se torna “o irmão” de Mininha.

Tendo em vista a teoria dos dois atos de Dvořáková (2018), importa recuperar e analisar a representação literária do processo de nomeação:

O Crisóstomo respondeu: é para ti. Tens de adoptá-lo, dar-lhe um nome e fazê-lo muito feliz. A Isaura (...) achava fundamental dar um nome ao boneco e incentivou a cria a fazê-lo. E como vai ser, como se vai chamar. E a cria dizia nomes de gato ou de cão e era um disparate e todos se riam, porque o boneco não era para ser um animal doméstico, era para ser como um amigo, talvez como um filho grande. (...) Ia chamar-se Pintas ou Faísca, talvez Bolinha ou Pedro, mas a cria decidiu por fim que se chamaria Irmão.

---

<sup>10</sup> Este fenômeno é conhecido como mudança intercategorial do nome próprio (López Franco, 2020) e é fruto de um processo de translação (Seide, 2022).

Não era nome de gente, mas repetiu as palavras até ser um nome: Pintas, Bolinhas, Irmão, Irmão, Sorriso, Serapico, Irmão. O Irmão sorriu mesmamente e de coração pertenceu-se à rapariga como uma coisa boa. A Mininha, desabituada de ser alguém, resplandeceu de uma estranha completude (Mãe, 2021, p. 187-188).

Nesta representação de nomeação, percebe-se o maior conhecimento onomástico dos adultos em comparação com o conhecimento onomástico de Mininha<sup>11</sup>: os adultos sabem os nomes que são adequados a animais de estimação, a humanos e seres antropomorfizados e orientam a escolha da menina desaconselhando nomes que seriam adequados apenas aos animais. A representação do processo de escolha, por sua vez, converge os que ocorrem na vida real: em algumas famílias, para se escolher o nome de um filho, primeiro os pais elencam uma série de nomes para depois elegerem um deles, aquele que lhes parecer mais adequado<sup>12</sup>. Tendo em vista a semelhança do ato representado com o ato em contexto não ficcionais, a representação apresenta a função de verossimilhança.

Analisados os nomes das personagens protagonistas, as seções seguintes analisam a antroponímia relacionada às personagens secundárias do romance, sendo que a última delas investiga a erosão da identificação da personagem que é mãe biológica de Camilo.

---

<sup>11</sup> O conhecimento onomástico do falante reúne tudo o que um indivíduo sabe sobre os nomes próprios, no caso do romance se mobilizam dois componentes deste conhecimento: o relativo aos modos como os nomes são dados e o relativo a como são os nomes. Em Seide (2021), há uma descrição detalhada das partes do conhecimento onomástico do falante ideal.

<sup>12</sup> Este processo foi registrado em várias pesquisas onomásticas baseadas em informações dadas por pais a respeito da escolha dos nomes de seus filhos, entre as quais se pode citar a pesquisa de Butkuvienė *et al.* (2020) baseada em dados gerados por questionários aplicados a alunos e professores de uma universidade brasileira e de uma universidade lituana.

## **4.7 Personagens relacionadas a Camilo**

### **4.7.1 Alfredo: caracterização etimológica**

Seu nome apresenta função caracterizadora baseada na etimologia do nome, havendo uma relação convergente com as propriedades e as ações da personagem. Segundo Guérios, o nome Alfredo é de origem anglo-saxã, a filiação linguística que remete ao germânico medieval: “Alfered, Alwere: <<aconselhando >> (...) Conselho dos elfos”; “conselheiro dos elfos” (p.52).

Pai adotivo de Camilo, esposo da falecida Carminda, Alfredo tem ideias particulares sobre a importância do estudo e do efeito de ler livros e acredita na presença sobrenatural da falecida. Seu nome é de étimo alemão e remonta à história medieval de Portugal quando havia os reinos godo e sueco na península ibérica. Segundo Piel (1989), nomes de pessoa de étimo alemão foram introduzidos e se tornaram populares a partir dessa época. Ele é um conselheiro, o conselheiro de seu filho que é pequeno e poderia ser comparado a um Elfo, interpretação que indica a convergência entre o significado etimológico do nome Alfredo e sua caracterização no romance.

### **4.7.2 Carminda: identificação carinhosa**

Esposa de Alfredo, seu sonho era engravidar, mas sofreu abortos e nunca conseguiu o que queria. Ao longo de todo o romance, ela ou é assim designada ou é referida pelo nome Minda, outro hipocorístico de seu nome. Em ambos os casos, o uso da forma familiar do nome por Alfredo e pelo narrador tem valor positivo sendo uma demonstração de carinho e familiaridade.

### **4.7.3 Teresa e Trovão: verossimilhança**

Esta personagem surge quando ela vai ao encontro de Camilo para ele treinar seu cão. Sua importância na trama advém do fato de ser ela a primeira moça por quem

se interessa Camilo. Seu nome não é introduzido pelo narrador, mas sim por Crisóstomo no seguinte diálogo: “O Camilo está, perguntou ela, venho buscar o meu cão. E o Crisóstomo respondeu com uma pergunta: chamas-te Teresa. Ela disse que sim” (Mãe, 2012, p.204). A pergunta de Crisóstomo revela que ele já sabia qual era seu nome, em algum momento Camilo lhe mencionou o nome dela e depois ele uniu o nome à pessoa estabelecendo a relação entre nome e referente. Esta representação mimetiza o uso dos nomes na vida real, motivo pelo qual sua função é a de verossimilhança. Esta mesma função é a do nome do cão de Teresa que é descoberto por Camilo mediante observação quando ele vai à casa dela para entregar-lhe o cachorro: “A casota do cão parecia uma miniatura de uma casa grande feita para pessoas. Tinha um telhado bonito de madeira pintada de laranja. Dizia: Trovão” (Mãe, 2012, p.205). Em ambos os casos, trata-se de representação do ato de usar o nome, de acordo com a teoria dos dois atos de Gibka (2018).

#### **4.8 Personagens relacionadas a Isaura**

As personagens nomeadas e a ela relacionadas, mas ainda não analisadas são os nomes de sua mãe Maria e da mãe de seu primeiro marido Antonino, a Matilde.

##### **4.8.1 Maria: classificação**

Mãe de Isaura, a escolha do nome dessa personagem parece não estar relacionada com o étimo, nem com seu significado religioso. Como se sabe este nome tem uma carga semântica religiosa por se referir à mãe de Jesus Cristo e seu significado etimológico é “senhora” (Guérios, 1981, p. 171), a caracterização de Maria no romance não se relaciona, nem à sua carga semântica religiosa, nem ao seu significado religioso.

A escolha deste nome pode ter sido motivada pelo fato de ser ele um nome muito comum para mulheres em Portugal. No começo do romance, ela começa a falar com sotaque francês e então passa a ter outros comportamentos estranhos. Em várias passagens o narrador reforça a estranheza de uma mulher portuguesa começar a falar

com sotaque francês e problematiza as relações entre a língua e a identidade. Tendo em vista este contexto ficcional, a função do nome é a de caracterização espacial pela nacionalidade.

#### **4.8.2. Matilde: caracterização etimológica**

Viúva, cria sozinha e sem ajuda de ninguém seu filho de cuja homossexualidade ela se culpa. Quando ela adota a filha de sua empregada que falecera, decide pôr em prática os conselhos que vieram misturados com as censuras que lhe foram feitas e incentiva que a menina repare e se relacione com rapazes. Ao final do romance, pelo narrador e por Antonio ela é descrita como sendo a mãe perfeita. O fato de ela suportar ter o filho homossexual e ter sido mãe sozinha e ter aceitado criar filha da empregada são aspectos positivos de sua personalidade que vão ao encontro do significado etimológico de seu nome: “germ.; al. Mathilde, Machthild: guerreira (hild) poderosa (maht)” (Guérios, p. 173). Neste contexto ficcional, o nome Matilde apresenta a mesma função do nome Alfredo: caracterização pela etimologia.

#### **4.9 Personagens relacionadas a Matilde**

Além das personagens nomeadas já analisadas estão relacionadas a Matilde, sua empregada Rosinha, o namorado da empregada Rodrigues, Gemúndio que veio ao ser e o vizinho de Gemúndio, o senhor Giesteira.

##### **4.9.1 Rosinha: classificação pela posição social**

Empregada de Matilde e mãe de Mininha (Emília). Ela não é chamada por nenhum outro nome, este hipocorístico é usado como forma familiar de tratamento. Apenas em uma ocasião ela é tratada por “dona” quando o vizinho de Gemúndio a está convencendo a casar-se com o viúvo. Ao que tudo indica o nome apresenta a

função de classificação pela posição social que ocupa, de modo familiar e sem nenhuma deferência.

#### **4.9.2 Rodrigues: classificação pela nacionalidade**

Seu nome é, originalmente, um patronímico, um nome usado para indicar o nome do pai de seu portador (Amaral; Seide, 2020). Quando o patronímico passou a ser passado de modo hereditário, tornou-se um sobrenome. No contexto do romance, ele é assim usado, sua forma linguística indica que se trata de um sobrenome português, na língua espanhola tem outra grafia seria Rodriguez, então, a função literária, no contexto, é a de classificação pela nacionalidade.

#### **4.9.3 Gemúndio: caracterização pelo significado**

Na proposta original de Dvořáková, a pesquisadora informa que esta função se observa, principalmente, no uso de apelidos os quais por serem formados por substantivos comuns têm significado transparente. No caso desta personagem, seu nome apresenta significado transparente quando se considera que a raiz do nome é idêntica à raiz do verbo gemer, análise da qual surge a interpretação segundo a qual o significado do seu nome é “aquele que está sempre gemendo”. As cenas a seguir descritas mostram como o comportamento da personagem convergem com o significado transparente de seu nome.

Gemúndio já debilitado e incapaz de cuidar de si tenta convencer Rosinha a casar-se com ele. Depois de muita argumentação ela aceita, mas sob condição de continuar namorando Rodrigues. O maior orgulho de Gemúndio é ter uma galinha gigante, animal por ele venerada e considerada mágica. Rosinha decide servir a galinha no dia do casamento deles. Chega mesmo a provar a carne antes de servir. Porém, no mesmo instante em que servia a iguaria, passa mal e falece na frente de todos. Depois do ocorrido ele vai perdendo a lucidez. Matilde, por compaixão, o abriga em sua casa, porém, pouco tempo depois ele adoece ainda mais, fica acamado e falece.

A seguir são reproduzidos trechos do romance que ilustram suas falas e atitudes, todas convergem com o destino e o significado do nome da personagem.

Considerando suas palavras, suas ações e seu destino no romance, há convergência total entre o significado do nome e a personagem. Perante as exigências de Rosinha para se casar com ele, assim reage: “E o Gemúndio, já muito vexado, queixou-se: tive uma vida de respeito com a minha falecida mulher, não foi para ser insultado que aqui vim” (Mãe, 2012, p. 149). Em outra situação, Rosinha lhe impõe condições que ele aceita: “O velho dizia que sim resignado ou sem mais capacidade de discussão” (Mãe, 2012, p. 150).

Neste outro trecho, Gemúndio não se opõe à ideia de Rosinha de servir a galinha gigante do almoço do casamento: “Ele, sempre mais resignado, não refutava os argumentos dela, ia pensando no fim da vida com aquele maior disparate que vinha da cabeça de uma mulher tão jovem” (Mãe, 2012, p. 153).

Em outra cena, na qual apresenta sua casa para Rosinha, assim o descreve o narrador: “Ele gemia com dores e encostava-se a um móvel e ela reagia: você não morra hoje, ainda não assinámos nada, você espere, que isso para ser bem-feito era você morrer no dia do casamento, que assim só me dava trabalho até lá e eu já ficava com os papéis” (Mãe, 2012, p. 154).

Sua atitude sofredora se repete em outras ocasiões: quando lhe foi esclarecido por Rosinha que ela continuaria a namorar o Rodrigues, assim descreve o narrador a reação do viúvo: “O Gemúndio azedava-se para dentro e deixava-a ir à porta ao Rodrigues” (Mãe, 2012, p. 155).

Perante a tentativa frustrada de ter relações sexuais com Rosinha:

Ele amargava, atormentado também com a azáfama de haver uma criança por perto, e sentia-se perder as forças de modo mais acelerado. Parecia-lhe que morrer seria cada vez mais fácil, cada vez mais perto (...) Amargava com as visitas do Rodrigues (...) O Gemúndio amargava e julgava que estar velho era depositar-se nas mãos dos outros, como para um sacrifício (Mãe,

2012, p. 158 -159).

O sacrifício maior que fez foi permitir que Rosinha matasse a galinha gigante dele: “O Gemúndio sentara-se à porta da cozinha, a ver e a lamentar” (Mãe, 2012, p. 161).

No dia do casamento, quando foi servida a galinha, Rosinha disse aos convidados que não precisava de ajuda na cozinha e os enxotou para a sala. Ao presenciar a cena, “O Gemúndio encolhia os ombros e repetia mil vezes que aquela era a galinha gigante que lhe aparecera no quintal numa noite de temporal. Era a galinha que iam comer, e os outros entreolhavam-se como não sabendo se aquilo era um lamento ou uma (...) afirmação” (Mãe, 2012, p. 163) .

Perante a morte de Rosinha, agora sua segunda esposa: “O Gemúndio, ainda de pé, disse que achava que a carne daquela galinha não se poderia comer. Era de um animal mágico que, morto, haveria de amaldiçoar toda a gente. Caiu sobre a cadeira a sentir um desespero grande por regressar tão cruelmente à viuvez e ao assombro da idade” (Mãe, 2012, p. 164).

Depois de todos esses ocorridos e antes de perder a lucidez e a pouca saúde que lhe restava, ele toma consciência de seu destino e fala sobre si mesmo: “Estava a enterrar uma segunda mulher em tão pouco tempo, não tinha bom augúrio” (Mãe, 2012, p. 177).

#### **4.9.4 Senhor Giesteira: classificação**

Esta personagem secundária é o vizinho de Gemúndio. O viúvo chama o vizinho apenas uma vez por seu sobrenome: “outra vez foi perguntar ao Giesteira se a mulher estava acorrentada. E filho regressado jurou que tudo estava calmo” (Mãe, 2012, p. 208). Em todas as demais ocorrências, o narrador e as demais personagens a chamam pela forma de tratamento o senhor, motivo pelo qual seu nome, senhor Giesteira, apresenta a função de classificação segundo a posição social.

#### 4.10 A mãe sem nome: a erosão da identificação

A função de identificação está presente em dois diferentes processos: aquele pelo qual o narrador identifica a personagem e as demais personagens e o processo pelo qual a personagem se identifica a si mesma.

Ela é a mãe de sangue de Camilo, contudo, não há nenhuma cena na qual ela introduz a si mesma. A personagem é sempre descrita através do olhar, do pensamento e da fala de outrem e é identificada, tanto pelo narrador, quanto pelas personagens de seu núcleo, como sendo “a anã” e por outras descrições definidas, a maioria delas pejorativa. Como no caso de Antonino, cujo tratamento por seu nome é recusado por parte de personagens preconceituosas, há a atuação da função de identificação alternativa, porém num grau extremo considerando que o nome próprio da anã não é sequer enunciado ao longo do romance.

No começo do enredo, ela é vista de forma infantilizada como se fosse uma criança numa casa de brinquedo, um ser vulnerável que requer cuidados. Mais adiante, três vizinhas descobrem, em sua residência, uma cama de casal, o que é por elas questionado: “De que brincaria a tola anã naquela cama tão séria, perguntavam-se e sem mesmo quererem perguntar-se tal coisa” (Mãe, 2012, p. 36). Percebe-se, por esse trecho, que as vizinhas a consideram um ser assexuado.

Contrariando a avaliação das vizinhas, a anã engravida, o que é visto como uma aberração e um constrangimento, pois se soube que os homens da aldeia lhe faziam visitas e que qualquer um deles poderia ser o pai da criança. Quando a anã já está prestes a parir e está já acomodada na casa de seu médico para tanto, as vizinhas têm dela uma avaliação negativa e assim pensam ao serem expulsas da casa do médico: “As mulheres saíam, o doutor era malcriado e a anã uma ordinária” (Mãe, 2012, p. 39).

Considerando o modo como a anã é vista e avaliada socialmente, percebe-se que ela não tem nome por não ser considerada como um ser propriamente humano e a ausência de nome indica isso. Sua identificação como ser humano é negada quando

não lhe é dado o direito de ter um nome próprio, o que causa a erosão da função identificadora de seu nome que é impossível de ser recuperado.

## 5 Considerações finais

A análise da função literária dos nomes próprios de pessoa no contexto ficcional do romance *O filho de mil homens* tendo por base a síntese das propostas de Gibka (2018), Dvořáková (2018) e Amaral e Seide (2020) possibilitou exemplificar quase todas as funções literárias previstas pelos pesquisadores, com exceção dos usos que fazem transgressões às normas linguísticas.

Não obstante esta limitação evidente, espera-se que este artigo possa inspirar outros os estudiosos a investigarem as funções literárias dos nomes de personagens de pessoa em contextos ficcionais diversos. Cumpre ressaltar que os nomes de pessoas em contexto ficcionais se tornam nomes de personagens não apenas em virtude do seu contexto de uso, mas principalmente graças à sua função literária, isto é, dentro da lógica simbólica e ficcional da obra em que se encontra. É sua função única que torna este tipo de nome de pessoa tão especial e diferenciado, merecedor de uma área própria de estudo: o da Antroponomástica Literária.

Por fim, considerando que Walter Hugo Mãe é um autor lusófono contemporâneo; de reconhecida qualidade e popularidade que tem sido objeto de muitas análises por parte da crítica literária., a pesquisa como a apresentada também contribui para a identificação e análise de suas técnicas narrativas de construção das personagens.

## Referências

AMARAL, E. T. R; SEIDE, M. S. **Nomes próprios**: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

ÁVILA, M. V. D. de **Descrição etimológica do léxico indianista em José de Alencar** [recurso eletrônico] : uma análise lexicográfica direcionada por corpus 2018. 255f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)- Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

ÁVILA, M. V. D. de; NOVODVORSKI, A. Etimologia ficcional contextual: o léxico indianista em Alencar à luz da linguística de corpus. **Revista do Sell**, 9(1), 19–35, 2020. DOI <https://doi.org/10.18554/rs.v9i1.4090>

DIAS DE ÁVILA, M. V.; NOVODVORSKI, A. Antroponímia indianista em corpus de Alencar: uma análise etimológica, ficcional e contextual. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 474–500, 2021. DOI <https://doi.org/10.14393/DL46-v15n2a2021-8>

AQUINO, F. São João Crisóstomo, Doutor da Igreja e Padroeiro do Concílio Vaticano II. Setembro, 2021. Disponível Em: [São João Crisóstomo, Doutor da Igreja e Padroeiro do Concílio Vaticano II – Província Carmelitana Fluminense \(carmelitas.org.br\)](http://www.carmelitas.org.br) . Acesso em: 7 jun. 2023.

BARTHES, R. Proust e os nomes. In: **Novos ensaios críticos**. O grau zero da escritura. Trad. H. de L. Dantas. *et al.* São Paulo: Cultrix, 1986. p. 55-67.

BREMER, D. “Language & Culture”. In: **Els noms en la vida quotidiana Actes del XXIV Congrés Internacional d’ICOS sobre Ciències Onomàstiques**. 2014. p. 344 -348. Disponível em: <https://www.gencat.cat/llengua/BTPL/ICOS2011/113.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BUTKUVIENĖ, K., PETRULIONĖ, L., SEIDE, M. S., VALIULIENĖ, E. Name-giving motives in Lithuania and Brazil: a comparative view. **Domínios de Linguagem**, v. 15, n. 2, p. 405–445, 2021. DOI <https://doi.org/10.14393/DL46-v15n2a2021-6>

CAMARGO, A. K. Nomeação e Espacialização como agentes do trágico em “Os Maias”. **Onomástica desde América Latina**, v. 1, n. 2, p. 2-16, 2020. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v1i2.24290>

CAMARGO, A. K.; SEIDE, M. S. Clarice Lispector aos olhos da Antroponomástica: o antropônimo ficcional como artifício da (des)personalização. **Revista Letras**, v. 98, p. 180-198, 2019. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v98i0.61314>

DVOŘÁKOVÁ, Ž. 2018. Notes on functions of proper names in literature. **Onoma** v. 53, p. 33-48, 2018. DOI <https://doi.org/10.34158/ONOMA.53/2018/3>

GUÉRIOS, R.F.M. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1981.

ECKERT, K.; RÖHRIG, M. Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. **Revista GTLex**, v. 2, n. 1, p. 170–189, 2017. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex3-v2n1a2016-7>

ECKERT, K., RÖHRIG, M. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de *Vidas Secas* e de *São Bernardo*. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 3, p. 1277-1294, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1277-1294>

GIBKA, M. K. Functions of characters' proper names in novels. **Onoma** 53, p. 49-66, 2019. DOI <https://doi.org/10.34158/ONOMA.53/2018/4>

JAKOBSON, R. Poetyka w świetle językoznawstwa [Linguística e Poética]. In: BURZYŃSKA, A.; MARKOWSKI, M. (ed.). **Teorie literatury XX wieku**. Antologia [Teorias literárias do século XX. Antologia]. Kraków: Wydawnictwo Znak, 2006. p 243–253

LÓPEZ FRANCO, Y. G. Las relaciones intercategoriales e intracategoriales en antroponímia. El caso de los nombres de pila en francés de Francia y en español de México. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, PR, v. 1, n. 1, p. 222-247, 2020. DOI <https://10.48075/odal.v1i1.24169>

MÃE, V. H. **O filho de mil homens**. Editora Bloco, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, H.M. de. “Mãe e a invenção da família: uma leitura psicanalítica do romance *O filho de mil homens* como um contraponto ao estatuto da família. **Desassossego**, v. 19, jun., 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v10i19>

PAWIŃSKI, T. Próba wyjaśnienia nazwy wyspy Nipu [An attempt at explaining the name of the Nip island]. **Ruch Literacki** VIII, p. 191, 1933.

PEDRASSANI, J. S.; ECKERT, K.; RÖHRIG, M. Onomástica literária: os nomes dos personagens do romance *Lucíola* de José de Alencar. **Revista GTLex**, v. 3, n. 2, p. 294-312, 2018. DOI <https://doi.org/10.14393/Lex6-v3n2a2018-4>

RECH, G. C.; SELL, F. S. F. Antropônimos ficcionais em personagens de histórias clássicas infantis traduzidas para Libras. **Revista Com(textos) linguísticos**. v. 15, n. 32, p. 166-179, 2021. DOI <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35901>

RECZEK, S. O nazwiskach bohaterów komedii polskiej XVIII wieku [On characters' surnames in 18th-century Polish comedy]. **Pamiętnik Literacki** XLIV, p. 217-237, 1953.

REYES CONTRERAS, M. Acercamiento onomástico al nombre de las bandas de Heavy Metal. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 59-81, 2020. DOI <https://10.48075/odal.v0i0.26062>

RUDNYCKYJ, J. Functions of proper names in literary work. In: BÖCKMANN, P. (ed.), **Stil- und Formprobleme in der Literatur**. Heidelberg: Carl Winter, 1959. p. 378-383.

SALLES, P. E. A .S. Entrevista com Valter Hugo Mãe. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 18, p. 122-124, 2016. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.1981-7169.crioula.2016.123182>

SEIDE, M. S. Proposta de definição interdisciplinar de nome próprio. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 2, n. 4, p. 70-94, 2021. DOI <https://10.48075/odal.v0i0.27562>

SEIDE, M. S. Lithuanian female personal names as cultural names derived from common nouns from the point of view of speakers of Lithuanian as a heritage language. **Acta Linguistica Lithuanica**, Vilnius, LXXXVI, p. 144-164, 2022. DOI <https://doi.org/10.35321/all86-06>

SILVESTRE, E. Da ficção dos gêneros à ficção literária: uma leitura de *O filho de mil homens*. **Revista Escrita**, número 20, p. 139-251, 2015. DOI <https://doi.org/10.17771/PUCRio.escrita.24886>

Artigo recebido em: 24.12.2023

Artigo aprovado em: 17.06.2024